



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA

**A MULHER RETRATADA NO HUMOR PARAIBANO NAS PIADAS DE  
“ZÉ LEZIN”.**

VANDERLÂNIA DO NASCIMENTO MORAIS

CAJAZEIRAS-PB

2017

VANDERLÂNIA DO NASCIMENTO MORAIS

**A MULHER RETRATADA NO HUMOR PARAIBANO NAS PIADAS DE  
“ZÉ LEZIN”.**

Monografia apresentada a disciplina Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande como pré-requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Dra. Rosemere Olímpio de Santana

CAJAZEIRAS

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

M827m Morais, Vanderlânia do Nascimento.

A mulher retratada no humor paraibano nas piadas de "Zé Lezin" /

Vanderlânia do Nascimento Morais. - Cajazeiras, 2017.

49f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

**VANDERLÂNIA DO NASCIMENTO MORAIS**

**A MULHER RETRATADA NO HUMOR PARAIBANO NAS PIADAS DE “ZÉ  
LEZIN”.**

APROVADA EM: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana (Orientadora)  
Universidade Federal de Campina Grande – CFP

---

Prof. Dra. Mariana Moreira Neto  
Universidade Federal de Campina Grande – CFP

---

Prof. Mestre Leonardo Bruno Farias  
Faculdade São Francisco–FASP

---

Prof. Dra. Rosilene Alves de Melo (suplente)  
Universidade Federal de Campina Grande – CFP

CAJAZEIRAS - PB

2017

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ser o autor de meu destino e meu socorro presente na hora dos obstáculos.

A professora e orientadora, Rosemere Olímpio de Santana, com quem aprendi muito. Pela orientação, disposição, dedicação e paciência. Meu muito obrigada!

Aos meus pais, Valdemir e Aldenice, que sempre me incentivaram e que desde o início dessa caminhada não mediram esforços para que chegasse até esta etapa da vida. Amo vocês!

Aos meus irmãos, Vanderlan e Verlandiê, pelo amor e apoio constante, meus verdadeiros amigos. Amo cada um de vocês!

Ao meu esposo, Tiago Tavares, por estar comigo em todos os momentos de minha vida, por sua imensa compreensão, sua dedicação e seu apoio. Amo-te!

A Ionara, minha cunhada, irmã, amiga e confidente. Obrigada pela paciência, pelo incentivo, pela força. Você é meu maior agulhão. Presente de Deus! Amo você.

Jeane Silva (minha Gê), minha companheira de labuta, amiga de aperreios e aflições, por todas as conquistas que alcançamos, por todas as dificuldades que conseguimos superar e todas as caronas que pegamos juntas.

A Thaize Ramos, amiga guerreira, por quem sinto grande apreço e muita gratidão, obrigada pela ajuda. Você é uma guerreira e grande exemplo de mãe.

Edinete, Pedro e Mateus, minha família do coração. Obrigada por tudo.

Minha turma de história 2011.1, em especial aos meus “histofarristas”, Claudia Cardinaly, Ligielle, Maria José, Maria Jeane, Sarah, Jucicleide, Fabiana, Raimundo e Gliverton, da qual tive orgulho de fazer parte, agradeço à todos pela amizade, paciência, e convivência destes anos, que serão infundáveis.

A todos vocês, dedico este trabalho. Obrigada!

*“Humor não é um estado de espírito, mas  
uma visão de mundo.”* (Ludwig  
Wittgenstein)

## **RESUMO**

Analisaremos como a mulheré representada no humor paraibano nas piadas do humorista Nairon Oseas Alves Barreto, mais conhecido popularmente por “Zé Lezin”.Apresentamos a discussão em torno da história das mulheres e das relações de gênero e relacionamos as temáticas mais abordadas nas piadas com a discussão histórica. Analisaremos o lugar de produção das piadas e como esse gênero é produzido. A problematização central da pesquisa foi perceber como a mulher é representada nas piadas que falam sobre o casamento e que foram contadas pelo personagem de Zé Lezin. Para isso, exploraremos também as piadas mais acessadas na internet sobre as mulheres e que discursos elas ajudavam a produzir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher, Piadas, Gênero, Humor.

## **ABSTRACT**

We will analyze how woman it is represented in the paraibano humor in the jokes of the Paraibano humorist Nairon Oseas Alves Barreto, better known popularly as "Zé Lezin". We present the discussion around the history of women and gender relations and we confront the most discussed themes in the jokes with the historical discussion. We will analyze the place of production of the jokes and how this textual genre is produced. The central problem of the research was to understand how the woman is represented in the jokes that talk about marriage, and which were told by the character of Zé Lezin. For this, we will explore the most accessed jokes on the Internet about women and what speeches they helped to produce.

**KEYWORDS:** Woman, Jokes, Gender, Humor.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I: AS PIADAS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO</b> .....	11
1.1 – Analisando o gênero da piada .....	11
1.2 – História das mulheres e relações de gênero.....	14
<b>CAPÍTULO II: DISCURSOS E ESTEREÓTIPOS ACERCA DA MULHER NAS PIADAS NA INTERNET</b> .....	18
2.1 – O que as piadas falam sobre as mulheres.....	18
2.2 – As piadas no espaço virtual sobre as mulheres.....	21
<b>CAPÍTULO III: ZÉ LEZIN NA “SAGA DE UM MATUTO”</b> .....	28
3.1 – O personagem Zé Lezin.....	28
3.2 – Piadas de Zé Lezin: a mulher no casamento .....	31
3.3 – Mulheres perturbadoras da harmonia do casamento.....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	45
<b>SITES</b> .....	47



## INTRODUÇÃO

As piadas fazem parte de um gênero muito conhecido. Justamente por ser tão popular não nos damos conta, muitas vezes, de como elas podem ser responsáveis por perpetuar lugares negativos para várias categorias. Por isso, o interesse em analisar algumas das piadas que circulam no meio virtual e que fazem tantas pessoas rirem, mesmo que atinjam tantas outras em suas particularidades ou minorias. Logo, o presente trabalho parte de um interesse pessoal, analisar principalmente as piadas do humorista Nairon Oseas Alves Barreto, mais conhecido popularmente por “Zé Lezin” ou “Zé Paraíba” na “saga de um matuto”. Escolhemos especificamente as piadas que versavam sobre a mulher e o casamento.

Esse trabalho será baseado em fontes escritas, que são as entrevistas, encontradas na internet, que foram prestadas pelo humorista, fazendo uso também de fontes áudio visuais de seus shows, gravados por seus telespectadores e fãs, no site Youtube e um CD que está disponível para acesso em download ou mesmo só para ouvi-lo no site “Sua Música”. A partir dessas fontes analisamos como a mulher é representada, principalmente no que se refere ao casamento.

Entre as análises, pudemos perceber que a piada funciona como um espaço quase que legitimado para enfatizar o que geralmente consideramos errado. Isso se dá pelo fato de ser a piada, segundo Antônio Ozaí da Silva (2013) conhecida como veículo de discurso proibido, o locutor pode facilmente dirigir a sua piada a qualquer tema ou qualquer preconceito que ele achar próprio para que seja aceito livremente pelo seu público ouvinte, pelo fato dele ficar isento de responsabilidades próprias e por não ser necessário o locutor assumir o que ele diz como opinião própria.

Pensando nesses pontos presentes no gênero da piada e analisando algumas piadas em sites virtuais, que transmitem para o seu público noções pejorativas acerca da mulher loira, da sogra, entre outras características que são considerados os melhores alvos para a causa do riso popular, tentamos pensar os discursos dessas piadas atrelados aos presentes no século XIX e XX e que de alguma forma estavam presentes nesse gênero, reforçando a desigualdade.

Com base no exposto, essa pesquisa será organizada em três capítulos:

No primeiro capítulo: “*As piadas e as relações de gênero*”, contextualizamos as discussões que versam sobre as piadas. Quais as características gerais desse gênero, como por exemplo, a suposta liberdade de falar sobre temas, mesmo que sejam preconceituosos e criminosos. Para entendermos melhor porque as piadas falam negativamente das mulheres percebemos a necessidade de discutir também sobre as relações de gênero. Discutimos a partir de duas autoras: Joana Maria Pedro e Rachel Soihet, segundo as autoras, essa discussão só foi possível no Brasil a partir dos grupos feministas e da abertura política, bem como, a presença de mulheres no espaço acadêmico.

No segundo capítulo: “*Discursos e estereótipos acerca da mulher nas piadas*”, iniciamos questionando o porquê das piadas que exaltam alguns estereótipos acerca da mulher ainda alcançam tanto espaço nesse gênero, mesmo depois da inserção das mulheres na academia e no mercado de trabalho. Pontuaremos a análise de pesquisas, que reforçam a manutenção dos discursos que “inferiorizam” as mulheres em diversos espaços. Evidenciaremos o espaço que a mulher foi conquistando cada vez mais no meio social. E finalizamos este capítulo com a análise de algumas piadas, que foram escolhidas por estarem relacionadas aos discursos preconceituosos muitas vezes embasados em discursos médicos e jurídicos dos séculos passados.

No terceiro e último capítulo intitulado: “*Zé Lezin na “saga de um matuto*”, buscamos apresentar o humorista Nairon Oseas Alves Barreto e como ele relaciona o seu personagem a uma identidade matuta. Analisamos a forma que ele enfatiza em suas piadas a mulher matuta, a mulher feia, gorda, magra, descabelada, entre outras formas de satirizar a mulher, de modo que sejam vistas como personagens engraçadas. Verificamos através de piadas selecionadas sobre casamento, como o humorista Zé Lezin, enfatiza a presença do masculino para ridicularizar ou mesmo inferiorizar a mulher, na qual as piadas decorrem sendo o gênero masculino apresentado como referência de sensatez, equilíbrio e, sobretudo inteligência, o que torna um dos principais aspectos que desqualificam a mulher nas piadas.

## CAPÍTULO I

### AS PIADAS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

#### 1.1 – ANALISANDO O GÊNERO PIADA

Diante de estudos e discussões que versam sobre as piadas, podemos perceber que estas têm como principal objetivo serem populares entre o público ouvinte com o intuito de fazê-lo rir, mesmo que este riso seja causado direta ou indiretamente por discursos machistas ou preconceituosos, transmitindo para os interlocutores noções pejorativas acerca da mulher, do negro, da loira, da sogra, entre outros que são considerados os melhores alvos para a causa do riso popular.

Ao acharmos algo engraçado, rimos, seja de alguém ou de algum objeto, de uma situação inusitada ou inesperada que foge à regra de conduta com a qual estamos acostumados no dia a dia. Acima de tudo rimos de circunstâncias e características que envolvem pessoas, e que na maioria das vezes possuem formas diferentes ditadas pelos padrões sociais, físicos, financeiro, cultural ou sexual. O discurso do proibido leva a piada a ser mais engraçada e interessante, podendo ser causadora de polêmicas relacionadas com a religião, o casamento, a identidade racial, a sexualidade ou ao sexo, entre outros temas que fazem referência ao conceito, ideias e diferentes pensamentos que temos, e muitas vezes evitamos discutir ou mesmo comentar.

Com isso, podemos levar em consideração as palavras de Machado (2009) ao tratar sobre o “Estudo das representações sociais do gênero feminino em piadas sobre a mulher”, onde mostra que essas piadas são formas de enveredar por um caminho de derrubada da ordem estabelecida pelas normas da ética e da conduta social que determinam o que deve ou não ser dito em público. Assim, a questão do proibido é, apesar de ser criticada, aceita nas piadas, pois passa para os ouvintes o preconceito, racismo, intolerância, machismo, sem receios de infringir normas de comportamento, levando o humorista a poder fazer comentários a respeito de uma particularidade física evidente em outra pessoa, como a cor do cabelo, um defeito físico, uma marca, a cor de pele entre outras características. Outro fator abordado é a

condição social ou até mesmo a opção sexual evidenciada, algo que seria politicamente incorreto.

A piada funciona como um espaço quase que legitimado para enfatizar o que geralmente consideramos errado. Isso se dá pelo fato de ser a piada, segundo Antônio Ozaí da Silva (2013) em seu artigo “O riso dos outros: o humor tem limites?”, conhecida como veículo de discurso proibido, o locutor pode facilmente dirigir a sua piada a qualquer tema ou qualquer preconceito que ele achar propício para que seja aceito livremente pelo seu público ouvinte, pelo fato do mesmo ficar isento de responsabilidades próprias e por não ser necessário assumir o que ele diz, sendo descompromissado das piadas, configurando o objeto do anonimato em sua ferramenta de trabalho, a piada, que facilmente é bem aceita, e não oficialmente posta como opinião própria deste humorista.

Esse processo não se dá sozinho, se o público ouve e acha graça também comunga dos preconceitos compartilhados. Por isso, as piadas são representações sociais do que achamos sobre o outro. O fato de determinadas figuras sempre serem citadas nas piadas e outras não, como, por exemplo, o negro ser alvo de piada mais que o branco, a mulher ser utilizada no humor mais que o homem, ou mesmo a loira mais que a morena, entre outros, por uns terem impacto maior que o outro perante o público ouvinte, isso pois é uma forma concreta de arrebatrar o riso do seu público, que na maioria das vezes apoia e compartilha de pensamentos similares.

A finalidade da piada é sempre provocar o riso nos seus interlocutores e alegrar o espaço em que está sendo contada, seja para jovens, crianças ou adultos. A mesma é composta por narrador, aquele que conta a piada, o espaço, geralmente em palcos ou mesmo nas ruas, bares, etc., o enredo e o tempo. O narrador escolhe um ponto para falar, variando sempre de cultura para cultura, do momento vivenciado que está em destaque perante a sociedade, pelos personagens, estes são os que dão a maior característica para a piada ser engraçada e ser aprovada pelo seu público, podendo ser mulheres, e suas diversas características físicas e morais, ou mesmo de pessoas fisicamente diferentes. Enfim, características que não sejam comuns para aquele conjunto social ou diversificadas dos padrões de beleza impostos pela sociedade.

O nosso dia a dia que para a maioria não é motivo de riso, passa despercebido, já para o humorista, esse cotidiano é instrumento de fazer risos, ele utiliza brigas entre chefes e

empregados, brigas de marido e mulher ou de pessoas que se reúnem em família para comemorar alguma data, velórios de familiares, relações entre mulheres e entre homens, cores, etnias, religião, cultura, música, alguma doença, transtornos, etc. Entre tantas coisas que o humorista encontra para fazer com que seu ouvinte o perceba como um profissional de qualidade.

Ozaí da Silva(2013), em seu artigo “Conversa sobre como fazer sucesso diante de seu público e assim ser aprovada”, a piada precisa ter certas características para atingir o riso total como por exemplo, ser curta e simples pois se for longa pode, com o tempo, perder o sentido e não ser entendida pelos seus espectadores. Tem que possuir características de textos populares e situações cotidianas, simplificando o entendimento e colocando em tantos casos os interlocutores como personagens, pelo fato de usarem situações que ocorrem no dia a dia. Linguagem simples e coloquial é fundamental para que o texto escolhido pelo humorista seja de fácil entendimento, pois não exige o conhecimento total da gramática, assim há fácil comunicação entre ambos.

Outra característica é que a piada não precisa ter autoria, ou mesmo que alguém se responsabilize pelas palavras ditas naquela narração, pode ter presença de um discurso sarcástico ou irônico, essas tornam a breve história interessante, pois é falado o que normalmente é pensado e não pode ser dito pelo fato de ser ofensivo ou de agredir a imagem de alguém.Outra característica na piada é a ambiguidade apresentando diferentes unidades linguísticas.

Ainda segundo Silva (2013), podemos destacar como parte integrante desse conjunto o destinatário, que em alguns casos é chamado para participar do trabalho no palco junto com o humorista. O integrante da plateia serve de ajudante para que a piada tenha sentido e para que auxilie na elaboração de alguma situação engraçada e no entendimento da mesma por parte do restante do público presente. Em alguns casos esse colaborador se torna vítima da própria piada e ainda é usado como objeto para o profissional em questão. O mesmo faz uso de características diferenciadas e visíveis do colaborador para dar suporte a sua piada tornando-a mais interessante e engraçada, e ele ri de si mesmo como uma forma de aceitação. Esse tipo de situação, muitas vezes, já está prevista pelos realizadores do evento.

Logo, o próprio público pode ser alvo da piada com teor preconceituoso e não se dar conta disso, pois coloca nesse gênero a possibilidade de atingir questões sociais, mesmo que seja ofensivo para determinadas minorias. E isso é visto como algo naturalizado, já que o humor se alimenta dos problemas, dos possíveis defeitos e limitações alheias.

É o mesmo que acontece com as mulheres, geralmente rimos das piadas que são feitas sobre essa categoria. As piadas ainda generalizam atribuindo uma personalidade e características a toda uma categoria que é tão complexa. O humor machista é predominante entre os humoristas, já que existe mais humoristas homens, que trabalham esse tipo de assunto machista nas suas piadas contadas, assim como as poucas mulheres que falam sobre o humor enfatizam mais a questão do homem ser machista, ou mesmo de serem mulherengos, que só pensam em bebida ou em sexo.

Em algumas tentativas do fazer rir, as piadas são ofensivas, sendo caso de desrespeito e não de riso, a liberdade de expressão é levado para um lado além do que realmente é, pois essa liberdade não se dá sozinha, afinal tem o seu público, que de alguma forma, sabe o que quer ouvir e o transmissor dessas ideias acabase excluindo da responsabilidade social sobre o conteúdo das piadas.

Dizer que "é só uma piada", é para os humoristas uma forma defugir da realidade que elesmesmos criam para o seu público. O humor que se baseia no racismo, homofobia, machismo e outros preconceitos podem até fazer alguns rirem, mas atingem, excluem e fortificam um discurso de exclusão.

A polêmica gira em torno do objetivo do humorista, fazer comentários ou piadas sobre um assunto de pauta social que seja significativo para uma grande parcela da sociedade, é uma forma de repercutir seu trabalho, mesmo que tenha consequências advindas das piadas que estão sendo pregadas para o seu público, no final, haverá polêmica pelo fato da coragem e pelas características de astuto, habilidoso diante do que ele pensou para falar.

Se nos colocarmos no lugar do outro o qual está sendo ofendido vamos perceber que estas ofensas são pautadas naqueles grupos que não se enquadram em um padrão considerado "normal" ou "ideal", como os padrões de beleza ou de orientação sexual, por exemplo.

Assim, o gênero piada utiliza determinados recursos ao se apresentar, tornando o seu espaço sem regras e limites para apresentar as temáticas, como se a piada fosse um texto sem autoria e, por isso, pudesse externar várias opiniões mesmo que sendo ofensivas à determinados grupos.No entanto, antes de analisar as piadas que falam sobre as mulheres apontando questões como sua falta de habilidade para determinadas funções, ou seu alto grau de interesse financeiro ou ainda a sua capacidade para fofocas e conversas, queremos analisar porque essas temáticas são naturalizadas e, portanto, estão ligadas a uma questão cultural, grande parte dela por conta da própria exclusão ou desconhecimento de uma história que



valorize a participação feminina em vários contextos históricos, achamos importante apresentar a discussão em torno da história das mulheres e das relações de gênero.

## 1.2- HISTÓRIA DAS MULHERES E RELAÇÕES DE GÊNERO

Rachel Soihet em discussão sobre a história das mulheres e as relações de gênero em sua obra “Formas de violência, relações de gênero e feminismo” (2001), vem enfatizar como as mulheres, por algum tempo, eram vistas como inferiores, não eram levadas a sério, e por isso não existia interesse por se fazer uma história das mulheres. Elas eram marcadas pela ideia de fragilidade, principalmente por conta da maternidade, a suposta inferioridade feminina estava atrelada a razões naturais de sua personalidade e do seu corpo, fosse pela sua fragilidade ou mesmo pela sua beleza emblemática que vem dar a ideia de que estas não tinham a capacidade de raciocínio do homem, principalmente para exercerem algumas atividades seletivas a serem realizadas, por conta da questão materna da mulher, que por razões biológicas seriam aptas a cuidar da casa, do marido e dos filhos, esse perfil recebeu mais investimento no Antigo Regime, que pode ser definido como um sistema de governo que vigorou na Europa, principalmente, entre os séculos XVI e XVIII.

Segundo a autora, com a derrubada do regime, através da Revolução Francesa algumas destas questões foram repensadas diante da sociedade, principalmente esta questão do homem ser tão superior a mulher pautada nas características biológicas, porém teve um repensar pós-revolução em relação a essas diferenças entre os gêneros em questão, esse repensar não foi suficiente, pois muitas continuidades permaneceram e corroboraram com uma violência simbólica ainda existente na sociedade.

Com a Escola dos Annales, um movimento bastante renovador, que colocou em questionamento a historiografia tradicional e apresentando novos e ricos elementos para o conhecimento das sociedades, começa assim a deliberar suas redes de conhecimento em contraposição a história tradicional “enraizada” nos grandes homens e seus feitos, com a ideia conclusiva de que no fim toda vivência humana é portadora de uma história, veio com o decorrer do tempo possibilitar a discussão de outros grupos sociais a novos conceitos como a história vista de baixo, que abriu brecha para uma discussão historiográfica sobre a mulher como sujeito histórico, só a partir dos anos 1960, alguns anos depois da criação da escola dos Annales.

Com os movimentos feministas essa história se modificou, passando assim, a ser levada em conta a mulher e suas façanhas históricas. As mulheres que interessavam a história eram aquelas que, de alguma maneira, destacaram-se na história em participações e envolvimento na política, na guerra, ou seja, as mulheres que assumiram condições masculinas, como se para elas serem importantes era fazer o papel do homem, a mulher heroína era tida como ponto inicial para esta história. As mulheres dos operários, por exemplo, que estavam lutando no momento da Revolução Industrial pelos seus maridos não eram consideradas mulheres importantes neste momento inicial da historiografia.

Com isso, gradativamente surgem questionamentos, reflexões e debates sobre algumas dessas mulheres que se destacaram além do ponto do estudo da historiografia. Grandes lutas foram travadas para chegar até os dias atuais com sua respectiva importância, travada lutas pelo direito ao estudo, a inclusão universitária, ao voto, a profissão em qualquer área que antes era só para homens e através dessas lutas que sua emancipação foi aceita, e que aos poucos foram conseguindo sua inclusão. Porém, ainda hoje temos questões que não foram resolvidas sobre a temática, como, por exemplo, as mulheres em seus direitos sociais.

Joana Maria Pedro (2005), em seu artigo sobre “O uso da categoria gênero na pesquisa histórica”, destaca uma reflexão mais aprofundada sobre o tema gênero, segundo a autora esta palavra era utilizada para explicar como os movimentos feministas nos anos oitenta usavam “gênero” para dar lugar ao “sexo”, buscando desta forma, reforçar a ideia das diferenças que se constatavam nos comportamentos de homens e mulheres que não eram dependentes do “sexo” como questão biológica, mas sim eram definidos pelo “gênero” e, portanto, ligadas à cultura.

Desta forma, uma história feminista torna-se uma maneira de fazer a crítica da forma como esta história é narrada e como esta disciplina atua, tornando-se um “lugar de produção do saber de gênero”.

Diante da divisão deste gênero e de palavras de ordem de igualdade feitos em manifestos ou por escritos de profissionais historiadores podemos ver mudanças, tanto na mídia, em jornais, livros, quanto nas escolas, que questionam uma verdade e não separam o gênero feminino e masculino pelo fato genético de ser frágil ou não, e não poder fazer as mesmas coisas, podemos ver que esta história está contribuindo para uma maior igualdade entre sexo/gênero.

Judith Butler, (2003), em “Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade”, salienta como premissa a divisão sexo/gênero, segundo a autora funciona como

uma espécie de pilar fundacional da política feminista e parte da ideia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído. A autora vai discorrer a respeito da questão gênero, onde segundo ela, este é um termo não fixo, não determinado e será algo descontínuo, o termo gênero irá depender da forma que será posto em contexto, ou seja, dependerá da análise do discurso a ser empregada. “Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003, p. 25), para ela o sexo não é natural, mas é ele também discursivo e cultural como o gênero. Assim como sexo é algo adquirido, natural, o termo gênero será algo que pode mudar, não são termos estabelecidos.

Butler (PEDRO 2005, p 91) questiona a própria categoria gênero como “interpretação cultural do sexo”. E mais: afirma, categoricamente “gênero não está para a cultura assim como o sexo está para a natureza”. Desta forma, a autora focaliza o sexo como resultado “discursivo/cultural”, e questiona a constituição do sexo como “pré-discursivo” e, portanto, anterior à cultura.

Por essas questões, percebemos que inicialmente não se tinha um investimento com relação a história das mulheres e até hoje, embora essas discussões estejam presentes em alguns espaços principalmente o acadêmico, não são suficientes, pois ainda hoje existem muitas situações das quais as mulheres não são valorizadas.

## CAPÍTULO II

### DISCURSOS E ESTEREÓTIPOS ACERCA DA MULHER NAS PIADAS

#### 2.1- O QUE AS PIADAS FALAM SOBRE AS MULHERES

As piadas, como já analisamos no primeiro capítulo, falam de temáticas que são compartilhadas por alguns grupos sociais. Contudo, uma inquietação persiste, mesmo após tantas mudanças no cenário social com relação às mulheres, porque as piadas que exaltam alguns estereótipos acerca da mulher ainda alcançam tanto espaço nesse gênero?

Entendemos que se as piadas com esse teor persistem, mesmo depois de tantas mudanças, principalmente materiais, é porque outros espaços ainda investem nos discursos de diferenciação.

O silêncio que por tanto tempo impediu uma história das mulheres, também contribuiu para um discurso que colocava as mulheres como personagens de menor importância para o entendimento e desenvolvimento da sociedade. A própria história feminina, no campo acadêmico, é muito recente principalmente no Brasil.

A recente inclusão das mulheres no campo da historiografia tem revelado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico, até então estritamente estruturado para pensar o sujeito universal, ou ainda, as ações individuais e as práticas coletivas marcadamente masculinas. Como se a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante. Todo discurso sobre temas clássicos como a abolição da escravatura, a imigração europeia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, evocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de merecerem uma maior atenção (RAGO, 1995, p. 80).

A entrada das mulheres no mercado de trabalho, na esfera acadêmica e as transformações ocasionadas pelo momento histórico, bem como a atuação feminina em várias esferas sociais, fizeram com que a mulher fosse incluída como fonte de estudo em pesquisas. A partir da década de 1980, como nos adianta Margareth Rago, esse movimento não se restringiu em trazer as mulheres para uma história narrada pelos “vencedores”, mas de

acompanhar o desenrolar dos acontecimentos da história das mulheres e dos estudos de gênero, tanto no Brasil como no cenário internacional.

Escrita fundamentalmente por homens, a narrativa histórica se absteve de incorporar às suas preocupações o sujeito feminino. Este silêncio não foi uma prerrogativa da historiografia brasileira ou latino-americana, mas atitude constante inclusive em países como Estados Unidos e França, onde a busca pelos direitos da mulher e o reconhecimento da condição feminina se deu mais cedo do que entre nós (SILVA, 2008, p. 224).

Um elemento importante a ser explicitado é quando as mulheres passaram a fazer parte das inquietações dos historiadores. As mudanças acarretadas pela Escola dos Annales contribuíram para essa inquietação atrelada a própria mudança quanto a noção de ciência, sem desconsiderar a contribuição do movimento feminista. Isso para demonstrar que, até no campo historiográfico, as mulheres não foram inseridas desde cedo como rol de inquietação para as pesquisas.

Mas, não foi apenas academicamente que as mulheres foram excluídas, a desigualdade de gênero pode ser percebida em vários setores, por exemplo, a diferença de salário, pelo fato do homem ainda conseguir ganhar mais que as mulheres (segundo pesquisas do IBGE/ Pnad, 2015, as mulheres recebem apenas 74,5% do que ganham os homens), além disso, as pesquisas mostram que a cada 11 minutos, uma mulher é violentada no Brasil e ainda há quem diga que a culpa é da vítima (pesquisa realizada pela revista Época, 2016). A Agência Patrícia Galvão selecionou alguns destaques das principais pesquisas sobre os vários tipos de violência de gênero, onde mostram dados e fatos sobre violência contra as mulheres. “O Mapa da Violência 2015 revela que, entre 1980 e 2013, 106.093 brasileiras foram vítimas de assassinato. De 2003 a 2013, o número de vítimas do sexo feminino cresceu de 3.937 para 4.762, ou seja, mais de 21% na década.”

As pesquisas apontadas a cima, reforçam a manutenção dos discursos que “inferiorizam” as mulheres em diversos espaços, pois não reconhecem a igualdade salarial e demonstram ainda que as mulheres são vítimas constantes de discursos misóginos e machistas. Diante deste cenário, as piadas referentes às mulheres quase sempre se encaminham por esse discurso, seja, reforçando que as mulheres não seriam inteligentes o suficiente para lidar com determinadas profissões ou áreas, como as que envolvem tecnologia, mecânica e cálculos, seja enfatizando uma suposta futilidade feminina.

São inúmeras as piadas que retomam o estereótipo da mulher interesseira, embora que segundo a pesquisa realizada (Portais imobiliários.com, 2014) “Quando se trata de mercado

imobiliário, as mulheres estão com uma representatividade cada vez maior. A presença feminina é destacada tanto na atuação profissional, quanto na clientela. De acordo com informações da Caixa Econômica Federal, do total de contratos de financiamento habitacional firmados, em 2013, no país, 39% foi assinado por mulheres”. Ou seja o mercado consumidor é composto, boa parte, de mulheres, hoje são elas que consomem imóveis, carros e itens que antes eram basicamente adquirido pelos homens.

Mas, porque com tantas mudanças, principalmente no cenário econômico a mulher ainda ocupa um espaço de menor reconhecimento do que o homem? Porque boa parte dessa postura está amparada na construção cultural, logo as mudanças materiais acontecem, mas a cultural não.

Isso pode ser observado quando, pela ótica da ideologia machista, as mulheres são consideradas inferiores aos homens. De fato, por séculos, as relações entre homens e mulheres conservaram um caráter excludente em relação à mulher, e isso se dava tanto na esfera política, como econômica ou social. Justificada pela suposta incapacidade das mulheres (a ideia de sexo frágil, menos inteligente etc...) perante os homens.

De acordo com dados da Fundação Carlos Chagas, se, em 1976, cerca de 29% das mulheres formavam a chamada população economicamente ativa, em 2002, esse número cresceu para aproximadamente 43%. No entanto, isso não implica em afirmar que a competição entre os gêneros se dê de forma igualitária. Pelas informações da referida Fundação, na última década, a participação das mulheres no cenário dos empregados se manteve próxima a um terço. Contudo, de modo geral, as mulheres passaram a desempenhar, na esfera pública, serviços que exigiam sensibilidade, cuidado, atenção, características elencadas como femininas e próximas das qualidades exigidas no trabalho doméstico. Por outras palavras, a maioria das mulheres, acaba exercendo profissões que estão mais conectadas à área social.

Franchi (2008), analisou como os cursos universitários estão distribuídos entre os gêneros.

Aproximadamente 84% dos estudantes de enfermagem e 91% dos alunos de pedagogia são do sexo feminino. Dos alunos matriculados nos cursos de engenharias mecânica, elétrica e computação, respectivamente, 91,5%, 89% e 80% são do sexo masculino. Isso significa que, de um modo geral, permanece a tendência à divisão de tarefas sociais: as mulheres, em sua maioria, são preparadas para atuar na saúde e, principalmente, na educação, ao passo que os homens ocupam majoritariamente as áreas relacionadas a setores públicos e de infraestrutura. O discurso machista de que cada gênero

deve ocupar o seu respectivo lugar parece ainda ecoar em nossa sociedade (FRANCHI, 2000, p. 3-4).

Esse discurso pode ser observado nos estudos de outro autor, Viera (2005) que ao discutir sobre a construção social da identidade feminina, aponta que

[...] Ao dirigir um automóvel, por exemplo, as mulheres estão sujeitas a críticas frequentes e, embora as estatísticas comprovem que as mulheres provoquem e sofram menos acidentes do que os homens, eles as diminuem constantemente nessa atividade. Basta um deslize para a mulher ser chamada de barbeira e ouvir assertivas como: "Só podia ser mulher na direção". No campo profissional, se a mulher, depois de muito esforço pessoal, for promovida, a primeira coisa que dizem é: "Como será que ela conseguiu esta promoção? O que será que ela fez para obtê-la? Mas, quando um homem é promovido, o discurso muda completamente: "*Como ele é competente*" ou "*Esse cara vai longe, ele promete*" (VIEIRA, 2005, p. 230).

Clichês do tipo “lugar de mulher é pilotando o fogão” ou “lugar de mulher é atrás do tanque”, são comumente usados nas situações acima. Como observamos, em uma época em que a mulher vem se apoderando e conquistando cada vez mais espaço no meio social, discursos que gritam pela igualdade de gênero acabam por ter que conviver com discursos machistas. Como os que exemplificamos o que contribui para a tese de que o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder pelo qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 2002, p. 10).

Como forma de demonstrar de que forma os discursos elaboram estereótipos, no nosso caso, como as piadas reforçam identidades, analisamos algumas piadas encontradas no cenário virtual. Sendo assim, observamos que os temas mais recorrentes em piadas sobre a mulher abordam a sogra, que geralmente é representada como uma mulher chata, malvada, ciumenta, impertinente, dentre outros adjetivos; temos as piadas sobre loiras, apresentadas como uma imagem feminina vaidosa, menos capaz (com relação ao raciocínio) do que as outras mulheres e símbolo sexual; temos ainda, a mulher gorda, alvo de injúrias e preconceito.

## 2.2 – AS PIADAS NO ESPAÇO VIRTUAL SOBRE AS MULHERES

Mesmo que a nossa pesquisa não tome como objeto central as piadas encontradas no meio virtual, achamos interessante fazer uma discussão sobre os temas que acabam por representar as mulheres, tendo em vista que são piadas que alcançam um maior público que

consome esse tipo de distração. As mesmas foram escolhidas por estarem relacionadas ao discurso machista e por serem destaque na página do site Google o mais acessado para realização de pesquisa. Ao pesquisar por “piadas sobre mulheres”, na seleção das piadas escolhemos entre tantas as que mais chamaram a atenção. Ao acessar as páginas percebemos que falam sobre a mulher, em diferentes situações e lugares, sendo vistas e estereotipadas sobre o olhar depreciativo. Na piada “oração das mulheres” percebemos que a mesma aparece em vários sites desse gênero:

**Oração das mulheres:**

Querido Deus, até agora o meu dia foi ótimo.

Não fiz fofoca, não perdi a paciência, não fui gananciosa, rabugenta, chata, invejosa e nem irritante.

Controlei minha TPM, não reclamei, não gritei, não praguejei, não tive ataques de ciúmes, não perguntei se estou gorda, não chorei sem motivos, nem recusei sexo para sacanear.

Não comi chocolate, não comprei coisas que não preciso em promoções, não estourei o limite do cartão de credito de meu marido e nem bati o carro dele hoje.

Mas peço a sua proteção, Senhor, pois estou para levantar da cama a qualquer momento...

Amém! (<https://vianablog.wordpress.com/2011/01/18/piada-do-dia-mulheres/> (Acessado em 14.03.2017).

Podemos perceber nessa piada um discurso sobre a mulher, vemos que nesta ela está enquadrada em um estereótipo de futilidade, que não tem paciência que é desagradável com o próximo nos seus dias de TPM (Tensão Pré-menstrual) que é caracterizada com sintomas de ansiedade, alterações de humor, irritabilidade, raiva sem razão, sentimentos violentos, entre tantos outros que podem ocorrer antes e durante a menstruação, causados pela queda brusca dos níveis de estrógeno e progesterona.

Além de ser posta como aquela que está atrelada ao consumismo, que não resiste a uma promoção qualquer, mesmo que sem necessidade, e que para isso dependa do dinheiro do marido. Nessa questão do consumismo, podemos nos remeter ao exemplo da introdução deste capítulo no qual as mulheres são as maiores consumidoras, porém de produtos que antes somente os homens podiam desfrutar, ou seja, bens duráveis como imóveis e carros.

Entretanto, a caracterização da mulher, mesmo que de forma cômica, levando em consideração aspectos como a sua incapacidade, falta de inteligência, histeria ou sexualidade exagerada fazem parte de um discurso que vem sendo alimentado de diversas formas em momentos históricos diferentes. Em uma interessante discussão acerca da sexualidade



feminina nos anos de 1500-1822, Mary Del Priori (1997), nos lembra que o discurso médico colocava a mulher como um ser frágil, que deveria ter como característica natural o desprovemento de inteligência.

Martins (2004), nos adianta que, essa questão do discurso médico, inferiu debates acerca do lugar do feminino e que a transformação da família passava pela redefinição dos papéis de seus membros, dessa forma, conferiram novas atribuições aos pais, recomendando regras para a educação de crianças e a organização do cotidiano familiar. Ao adentrar no espaço da família, os médicos se depararam com um obstáculo para as suas reformas higienista e que, posteriormente, se tornou a sua aliada: a mulher.

Os estudos de Costa (1979) e Nunes (1991) discutiram esse processo de colocar a mulher como objeto de estudo do discurso higienista, construído no decorrer do século XIX, bem como dos artifícios básicos acerca dos mais variados aspectos da organização familiar. Neste processo, de acordo com os autores, a figura feminina foi entendida como elemento importante para o cumprimento das metas desse ideal. Assim o discurso médico produziu uma representação da mulher, cuja existência social, era até aquele momento, quase imperceptível, no entanto, essa representação não deixou de ser “governada” por um discurso institucional masculino.

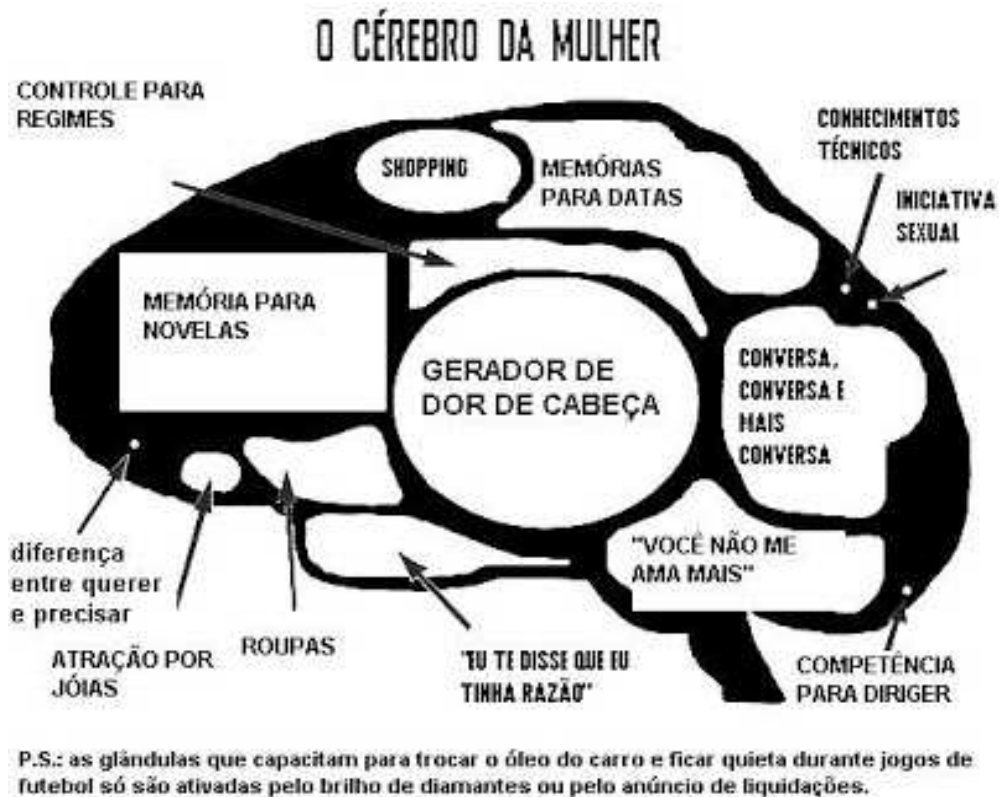
Tradicionalmente presa ao serviço do marido, da casa e da propriedade familiar, a mulher ver-se-á, repentinamente, elevada à categoria de mediadora entre os filhos e o Estado. Em função destes encargos, suas características físicas, emocionais, sexuais e sociais vão ser redefinidas. A higiene passou a solicitar insistentemente à mulher que, de reprodutora dos bens do marido, passasse a criadora de riquezas nacionais (COSTA, 1979, p. 73).

Sendo assim, foi pela maternidade que se construiu a representação da mulher no discurso médico e intelectual. Tratava-se de retirar a mulher da sua indiferenciação na família, para lhe conferir um novo significado. Percebemos assim, que o lugar social da mulher estava vinculado a características consideradas biológicas específicas, como a do útero, o órgão da procriação e a maternidade.

Esses fatores foram responsáveis pela organização do trabalho a partir da diferença sexual e depois do gênero. Essa discussão nos ajuda a pensar porque determinadas piadas como a da “oração das mulheres” se pautam em características vinculadas ao corpo feminino, como a TPM, negar o sexo ou a pouca habilidade na direção de veículos e no controle

financeiro. Essas características indicam a permanência de algumas das concepções sobre o corpo feminino de séculos passados.

Na utilização das imagens de recurso visual humorístico utilizadas em nossa pesquisa, temos uma representação do cérebro de uma mulher:



<http://boaspiadas.blogspot.com.br/2008/05/homem-versus-mulher-anatomia-do-cerebro.html> (Acessado em 14.03.2017).

Segundo o autor(a) da piada, podemos perceber que utilizou-se de um modo de pensar pejorativo sobre a mulher. A imagem foi retirada do blog “Boas piadas, homem versus mulher: anatomia do cérebro”, no site aparece a imagem de dois cérebros, de uma mulher e outro do homem.

Na imagem do cérebro da mulher, podemos ver a seguinte divisão: a parte maior do cérebro da mulher está ocupada pelo gerador de dor de cabeça como desculpa para não ter relação sexual, nas outras partes maiores podemos perceber o quanto é grande a parte para guardar as cenas das novelas e para gerar conversas. A piada nos leva a entender que as mulheres dão grande importância a questões sem relevância, não são práticas, nem objetivas, pois a quantidade de conversa não é entendida como algo positivo, mas pelo contrário como algo ruim e desnecessário. Além disso, as desculpas geradas para a não realização da prática

sexual as tornam desinteressantes, ao mesmo tempo, que reforça o discurso de que as mulheres não possuem desejo sexual tanto quanto os homens.

Para entender melhor essas questões apontadas na piada, é importante acionar a discussão de gênero. Para Joan Scott (1994, p.31-53), o conceito de gênero deve ser entendido em seu caráter cultural, “enfazando sua utilidade na análise da constituição dos significados e das relações de poder socialmente constituídas”. Isso significa dizer que o que se “produz sobre as diferenças sexuais e corporais, bem como sobre o lugar das mulheres na divisão sexual do trabalho, caracteriza-se pela sua variabilidade e natureza política”. Se o conceito de gênero nos ajuda a superar as explicações biológicas acerca das “relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” e com ênfase em sua definição como um “um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Podemos afirmar então que a forma como nos relacionamos interfere em nossas escolhas e comportamentos, bem como na maneira como atuamos em sociedade.

O que queremos dizer com essas questões é que supostas “qualidades” se forem atreladas ao feminino são consideradas negativas, por exemplo, o cuidado com o outro, a atenção dada, a paciência, a organização, qualidades ditas femininas que foram responsáveis por muitos anos por direcionar as mulheres a áreas de trabalho como a docência, enfermagem, assistência social. Por outro lado, qualidades como competitivo, corajoso, ousado, segurança, fortaleza, são atrelados ao masculino e consideradas muitas vezes como qualidades positivas, sendo relacionadas a funções de sucesso e liderança. Percebemos assim, que a piada acaba reforçando o que historicamente vem sendo produzido por outros lugares atrelados as relações de poder.

A piada ainda reforça que toda mulher gosta de comprar roupas, joias, ir ao shopping e consumir mais do que precisa. Já a competência para dirigir e de conhecimentos técnicos mal aparecem na imagem. Porém, já foi comprovado, e ainda está sendo em nossa vivência, que as mulheres tem competência suficiente para desenvolver qualquer atividade tão bem quanto os homens. (Exame.com. Acessado em abril de 2017).

Dessa forma, tenta-se demonstrar positivamente que todo o seu organismo [feminino] possui características inferiores. Não apenas como no primeiro momento, quando seu físico mais arredondado e frágil, voltado para a procriação, constituía o ponto apoio para um discurso de inferiorização fragilização anatômica compatível com a maternidade. A diferença agora se dá em outro nível; o que se coloca é a de que essa inferioridade está ligada a um aspecto de não-evolução da mente, dos pensamentos e sentimentos. Assim, o cérebro possui volume, peso e forma inferiores, os gânglios e a medula são mais desenvolvidos, como em estágios

e mentalidade não desenvolve adequadamente. A mulher é, portanto, o indivíduo adulto que não cresceu (NUNES, 1991, p. 62).

Nunes (1991) aponta que em determinado contexto histórico o cérebro feminino foi considerado inferior. Embora, a ciência hoje tenha desmistificado isso, a piada analisada demonstra que é cômico o fato de a mulher não saber usar a tecnologia, precisando assim do homem para manuseio de certos objetos, outro fator pode ser visto no rodapé da imagem como forma de observação onde mostra que a mesma não sabe trocar o óleo do carro, ou ficar quieta durante um jogo de futebol.

Embora, em vários lugares as mulheres tenham rompido com o modelo feminino representado na piada, pois são inúmeros os casos em que as mulheres assumiram funções no campo tecnológico e prático, algumas dessas representações insistem em permanecer inclusive nas piadas. A próxima piada também está relacionada com a temática do cérebro.

Cérebro de mulher

Machistas

- um cara foi fazer um safari.
- chegando lá, encontra uma barraca com uma placa.
- vendemos cérebro humano.
- o cara ficou invocado e foi verificar.
- quando entra na barraca, é atendido por um peguimeu.
- pois não sr., diz o peguimeu.
- que coisa é essa de venda de cérebro humano.
- o peguimeu responde, é a nova sensação aqui na África senhor.
- e quanto custa, você vende por porção, quilo ....
- o peguimeu responde, por quilo sr.
- e quanto é o quilo?
- o peguimeu, diz por exemplo, esse aqui é de um homem normal e custa 5 dólares o quilo, e esse aqui é de um homem intelectual e custa 50 dólares o quilo.
- e o cara pergunta apontando e esse aqui.
- e o peguimeu diz, esse aqui e de mulher e custa mil dólares o quilo.
- o cara diz, você tá louco, se do homem intelectual custa 50 dólares por que o da mulher custa mil.
- o peguimeu reponde, o sr. sabe quantas mulheres eu tenho que matar para ter um quilo de cérebro?

Piadas: [TTP://www.piadas.com.br/](http://www.piadas.com.br/).

Nesta piada, retirada do site “Piadas.com.br com o título de o melhor site de piadas da internet.” percebemos que o efeito do humor decorre no final da piada, no momento em que ele diz que a mulher não tem o cérebro tão inteligente quanto o do homem intelectual. Diante disso percebemos visivelmente que o autor marca com suas palavras a diferença de identidade, onde um é inteligente e o outro é ignorante.

Esse discurso ganha espaço entre os médicos no século XIX, o doutor José Joaquim Firmino Júnior, falava as características relacionadas as mulheres como a função reprodutiva, o repouso e a quietude, já para os homens era o poder de raciocínio, a força física, e o movimento, então homens seriam racionais e fortes, enquanto as mulheres emocionais e frágeis.

No caso das piadas que inferiorizam as mulheres, a maioria dessas piadas tem um lado machista, onde passam para o seu público de grande acesso na internet, a ideia de que a mulher não seja capaz de produzir papeis que homens produzem ou mesmo que não são capazes de pensar assim como os homens.

A função do riso “sempre é um pouco humilhante para quem é seu objeto, o riso é de fato uma espécie de trote social”, por conseguinte, com significado e alcance sociais. Logo, o prazer do riso não é desinteressado, ele oculta uma segunda intenção inconfessa de desdenhar. Razão por que “a comédia está bem mais perto da vida real que o drama” (BERGSON *apud* VALE 2010, p. 101-2).

Segundo Bergson (2007), o cômico nasce com atitudes, gestos, ações ou em palavras que são citadas ou realizadas pelos seres humanos, diante de suas fraquezas, acrescenta que muitas vezes “não rimos apenas dos defeitos de nossos semelhantes, mas também, às vezes, [até mesmo] de suas qualidades” (p. 102-3). No caso, quando características são postas e padronizadas no discurso humorístico, assim como foram visto acima nas piadas sobre as mulheres, ajudamos a intimidar pelo riso.

Portanto, percebemos que o humor está em todo lugar, fazendo-se necessário para diminuir as angústias do homem contemporâneo, porém há necessidade de uma variação de representações imagéticas da mulher, empregando o fim da forma de estereotipar o conceito moda e/ou padrões sociais, afim de acabar com uma preocupação da sociedade masculina em definir os papeis femininos, para proporcionar uma sociedade com direitos e representações igualitárias.

## CAPÍTULO III

### ZÉ LEZIN NA “SAGA DE UM MATUTO”

#### 3.1 – O PERSONAGEM ZÉ LEZIN

Como a categoria mulher é representada nas piadas do humorista paraibano Nairon Oseas Alves Barreto, mais conhecido popularmente por “Zé Lezin” ou “Zé Paraíba”. “Zé Lezin” nasceu no município de Patos, no estado da Paraíba, e atualmente reside na capital paraibana João Pessoa, é formado em Comunicação Social e Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), começou a carreira de humorista em grupo de dança folclórico na UFPB e é especialista em piadas de matutos.

Matuto é aquele indivíduo que segundo o dicionário online de Português, “que ou quem vive no mato, sertanejo, acanhado, tímido, cismático, indivíduo ignorante e ingênuo”. Definição que podemos conceituar como uma tradição cultural, onde é possível perceber uma identidade vista pejorativamente em uma suposta identidade nordestina.

Silvana Neves do Nascimento em sua pesquisa “A (re) afirmação da(s) identidade(s) nordestina(s) na literatura oral: poesia matuta em Jessier Quirino”, enfatiza a reconstrução de identidades baseadas no aprofundamento da tradição, no caso a identidade do matuto no Nordeste. A autora analisa em seu texto o autor Albuquerque Júnior (2009), para o mesmo o:

Nordeste é uma região ‘definida’ em função dos seus traços regionalistas e, nela, vários grupos sociais foram criados. Entre eles, o nordestino, caracterizando aqueles que nascem sob as delimitações geográficas e políticas, matrizes necessárias para a constituição da mesma região; sertanejo; brejeiro; caririzeiro; entre outros, a depender das mesorregiões que compõem o clima dos nove estados do Nordeste, definidoras das múltiplas identidades sob o manto do que faz ser nordestino (JÚNIOR, 2009, p. 08).

O ser matuto geralmente é ligado ao nordestino, pois por muito tempo existiu um investimento discursivo nesse personagem associado ao trabalho com a agricultura e com o gado, sem acesso a escola ou formação escolar. O chapéu de couro, a roupa quadriculada,

dentes estragados, o vocabulário coloquial, são características atribuídas ao matuto nordestino e que o personagem de Zé Lezin se apropria.

Com relação a sua apresentação visual a produção artística é baseada no estilo de “matuto nordestino”, camisa listrada, chapéu de couro de vaqueiro, bigode fino, sandália de couro e calça, usando o corpo com gestos e manias para caracterizar o personagem do matuto em alguns momentos de interação e diálogo com o público em seus shows. Nos vídeos analisados dos shows apresentados, percebemos que Zé Lezin trabalha com forma de espetáculo para públicos de todos os gêneros e sempre bem visualizados quando colocados na internet, assim utilizando esses pontos como uma forma de humorizar essa imagem de matuto nordestino.

Com mais de vinte anos de carreira, com sotaques, malícia e jeito de um matuto paraibano, Zé Lezin conquistou plateias com seus vários personagens, como, por exemplo, Miro, o pai de Vicente, que segundo disse em entrevistas prestadas, teve de “universalizar” a maneira de falar para o povo brasileiro entendendo assim esse personagem como o povo pensa ser o matuto nordestino, inteligente, tem respostas na “ponta da língua” e é rápido (entrevista dada ao site “Ceará agora, nada fica pela metade, 2017).

No site, “Ceará agora, nada fica pela metade”, temos um anúncio dedicado aos 30 anos de carreira do humorista, com o título: “Três décadas de humor com Zé Lezin.” Nesta matéria o autor Marcelo Raulino, salienta:

O sucesso do Zé Lezin ultrapassou as fronteiras estaduais e regionais, lotando teatros e outros espaços, em diversas cidades e estados do Norte ao Sul do país. Com seu trabalho admirado por Chico Anysio, teve uma participação excelente no programa da TV Globo “A Escolinha do Professor Raimundo”. São 30 anos de Humor de Zé Lezin, são três décadas de uma marca importante e isso, sem que o público demonstre estar saturado do matuto. É um caso de amor recíproco”, define (RAULINO, 2017).

O Blog de Assis Ramalho em Petrolina, Pernambuco, realiza entrevista com o humorista, em 2002, e o apresenta: “Após apresentar-se em barzinhos e teatros, participou da Escolinha do Professor Raimundo, a partir de 1998, quando o programa foi transformado em um quadro do Zorra Total, da Rede Globo. Na ocasião, alterou o nome de seu personagem, de Zé Paraíba para Zé Lezin. Nairon atuou na "Escolinha" durante seis anos”.

Eu me tornei mais amigo de Chico porque, além de humorista, eu também sou redator. Então quando apareciam as confusões de textos, disso ou daquilo, eu escrevia na hora, quebrava o galho, desenrolava, e ele sabia que podia contar

comigo. Tanto é que eu disse a ele que, quando terminasse a Escolinha, eu queria voltar para o Nordeste. Depois, ainda fiquei um tempo no Zorra (Total), mas eu gosto mesmo é do Nordeste, principalmente por causa desse frio todo (risos) (ENTREVISTA, 2002).

Zé Lezin e a Cinderela é outro momento de sua carreira em que uma personagem interpretada por Jeilson Wallace, faz parceria com ele. Na história os dois personagens passam por situações desastrosas, mostrando a capacidade impressionante de improvisos rápidos, podemos destacar este show como forma de mostrar como é representada a imagem da mulher paraibana.

O espetáculo traz um casal que após 22 anos de casados começam a entrar em crise conjugal, e que brigam o tempo inteiro, tudo isso com muito humor. A peça, “Em briga de marido e ‘mulher’ ninguém mete a colher”, mostra os problemas de um casal pobre a partir dos novos tempos. Trazendo problemas comuns do dia-a-dia, sendo o “marido desempregado e a mulher, que hoje quer a igualdade, sustentando o marido e reclamando o tempo todo. Ela, trabalhadora, decente, honesta. Antes, a situação era a inversa”, conta Nairon.

Ao discutirem a relação, se divide de um lado o marido que só pensa em dormir e não quer trabalhar e do outro, a mulher apresentada como mandona, que fala alto, conversa muita “besteira” e que cobra muito de seu marido que não “a procura”, e Zé (o marido) responde de modo imediato: “como vou te procurar se você não se esconde?!”. (Viver/Diário - Diário de Pernambuco, 2016).

Entre tantas piadas já contadas pelo humorista, algumas enfatizam a mulher matuta e mostra de forma humorada a mulher feia, gorda, magra, descabelada, entre outras formas de satirizar a mulher, de modo que sejam vistas como personagens engraçadas. A Cinderela, por exemplo, é caracterizada com roupas bem coloridas e estampadas, a maquiagem exagerada e um penteado infantil, a cor laranja do cabelo, e o modo de comportar-se diante do público.

Tem gente que pensa que a criação do personagem Zé Lezin e os repertórios que venho apresentando há décadas, não passam de uma brincadeira, mas se enganam”, observa Nairon. E se engana mesmo. Quem o conhece de perto sabe que ele vive pesquisando, que já atuou em grupos folclóricos da Paraíba e que já gravou CDs no qual alternava seus causos com registros de forró. “Sou um apaixonado pela arte do povo nordestino, que considero um manancial inesgotável e que ainda tem muito a ser explorado”, enfatiza (ENTREVISTA 2008).



Percebemos então, que, para o artista Nairon Barreto, seus personagens e os textos apresentados em seus shows não são produzidos de forma ingênua ou casual, mas que são analisados e se pautam em uma suposta identidade nordestina propositalmente.

Embora, saibamos sobre a complexidade de analisar a criação e produção de um artista, escolhemos analisar as piadas sobre casamento de Zé Lezin mesmo sabendo que um personagem se faz como um todo, o objetivo é de pensar as piadas direcionadas a um grande público e por isso que escolhemos algumas piadas de um CD disponibilizado para download no site “Sua música”, onde são encontradas músicas e shows humorísticos de bandas e artistas independentes de todo o Brasil. Temos um show de Zé Lezin com 17.106 downloads e 11.132 plays, foi enviado 19/01/2017 os dados foram retirados com acesso em 14/07/2017. As outras piadas foram retiradas do Youtube, onde temos uma plataforma de distribuição de vídeos mais acessados do mundo, em pesquisa podemos observar que o vídeo que teve mais visualizações de suas piadas foi de seu show realizado em Mossoró, Rio Grande do Norte, com o título de “novo show”, foi publicado em fevereiro de 2015 e teve 9.093.616 visualizações e 1.042 comentários de seus assinantes, dentre estes comentários a maioria são de elogios pelo trabalho humorístico apresentado por Zé Lezin.

### 3.2 PIADAS DE ZÉ LEZIN: A MULHER NO CASAMENTO

As piadas escolhidas neste capítulo são relacionadas a questão da mulher no casamento, pois se no capítulo anterior referenciamos as piadas que focam a mulher na questão financeira e nas questões que dizem que elas não são habilitadas a fazer, neste preferimos pensar a mulher no casamento. Mas, antes gostaríamos de analisar um pouco o casamento na história moderna, como este é visto enquanto instituição pela medicina e pelo Estado no século XX.

Segundo Foucault (2002), o casamento teria sido fundado a partir de uma série de razões

O encontro indispensável do macho e a fêmea para a procriação; a necessidade de prolongar essa conjunção numa ligação estável para assegurar a educação da progenitora; o conjunto de ajudas, comodidades e prazeres que a vida a dois, com seus serviços e suas obrigações, pode proporcionar; e finalmente, a formação da família como o elemento de base para a cidade (FOUCAULT, p.153).

Foucault acentua que para a sociedade moderna o casamento era uma instituição reguladora, ou seja, o casamento era o ato para a formação de uma sociedade, na qual a mulher era sinônimo de maternidade e seu papel era cuidar da casa e da família para assim manter esse alicerce erguido.

Doriane Braga Nunes Bilac (2012), em seu artigo, “Transformação da intimidade: homens e mulheres na contemporaneidade na perspectiva da estruturação de Giddens” vêm notabilizar a questão do que o autor Anthony Giddens salienta sobre o casamento, no século XIX, segundo o autor casamento:

Deixou de ser realizado unicamente por laços de parentesco e por interesses econômicos e passou a ser contraído com base no amor sexual e romântico. Nesse sentido, homens e mulheres, em comunhão conjugal, estavam realizando um empreendimento baseado em comunicação ou intimidade emocional e não um empreendimento para assegurar a linhagem e a herança... As experiências vivenciadas pelas mulheres no casamento, na família e no trabalho são reflexivas e, por isso, possibilitam alterações na auto identidade e uma reestruturação da vida íntima para gerações futuras (BILAC, 2012, pp, 93-97).

Ainda para o autor essas mudanças relacionadas as motivações nas uniões conjugais baseadas no sentimento juntamente com as discussões feitas pelo movimento feminista possibilitaram pensar a mulher cada vez mais em um espaço de luta pelos seus direitos políticos e econômicos.

Discutem o que é sexo, quais os fins do casamento, o que é o amor, como deve ser a relação íntima entre os sexos, qual deve ser a posição da mulher e dos homens na vida social e quais são as características básicas da identidade pessoal. As questões por elas levantadas estão interligadas ao tema do eu como um projeto reflexivo. Seus objetivos são múltiplos e complexos, entretanto visam despertar consciências, influenciar a opinião pública e possibilitar mudanças na formação de um mundo mais humanitário, tolerante, igualitário e democrático (BILAC, 2012, p. 92).

A emancipação feminina na contemporaneidade, anunciou uma nova forma de experiência de vida conjugal, o que contribuiu para uma consciência de igualdade entre ambos os gêneros. As mulheres exerceram um papel fundamental nesse processo, que culminou em mudanças que tiveram um papel relevante no casamento ao longo da

modernidade, o que veio a resultar em transformações na vida pessoal dos indivíduos. No entanto, todos esses investimentos não significam o fim da desigualdade de gênero, pelo contrário, mostram o quanto as mulheres lutaram para conseguir algumas conquistas e quais ainda estão por serem conquistadas.

Com relação a questão do Estado, temos no artigo de Samanta Ruiz da Silva Camacho que fala sobre “A mulher e o casamento na sociedade brasileira dos séculos XX e XXI: Breve comparativo histórico.” a discussão sobre as mudanças que surgem a partir das leis que com o decorrer dos anos vem modificando os direitos das mulheres através de nossa constituição.

As mudanças, introduzidas no ordenamento pelo novo Código, levaram a mulher a um novo patamar jurídico, com uma maior proteção do Estado. Trouxe mudanças em todos os ambientes ligados a mulher: na família, no casamento, na família monoparental, na união estável, nas uniões homoafetivas, nas relações extraconjugais e na chamada produção independente feminina. Relações antes existentes na sociedade, porém não aceitas e reconhecidas em nosso ordenamento jurídico (CAMACHO, 2009 p. 49).

Assim, podemos constatar que não somente por aparência, mas também por direito constitucional, a mulher tem direitos iguais ao homem, o casamento é para ela uma opção, constituir uma família ou manter um laço afetivo é um direito, uma alternativa, assegurada perante a constituição, ou seja, é lei. No entanto, mais uma vez queremos enfatizar que nas relações sociais as mulheres ainda são vítimas de valores pautados no patriarcalismo e no machismo presentes em nossa cultura. Atualmente a legislação embora tenha tido inúmeros avanços ainda depende da jurisprudência e do entendimento de juízes, promotores e policiais para se fazer valer. Não é incomum acompanharmos crimes em que as mulheres mesmo sendo vítimas foram tratadas de forma desumana e cruel. É nesse sentido, que queremos apresentar as piadas sobre casamento a partir do personagem Zé Lezin. Como essas piadas acionam questões naturalizadas para o campo do feminino e do seu suposto papel na atualidade para o casamento.

As piadas que serão apresentadas falam no geral sobre como vivem as mulheres no casamento, do ponto de vista machista, dentre elas vamos pautar a questão do marido que insinua que a esposa prefere o shopping do que a lembrança dele morto, da mulher dependente do marido para seu sustento financeiro e sentimental, como aquela que fala muito,

pensa pouco, irrita os homens com uma capacidade que só as mulheres tem de infernizarem a vida masculina e a indecisão feminina.

O discurso nas piadas selecionadas são sobre o casamento, na condição de ser contada por um humorista homem (Zé Lezin), na maioria das piadas o locutor ou narrador da primeira pessoa enfatiza momentos vivenciados por ele ou por seu amigo. Para que o humor seja enfatizado e concretizado nas piadas selecionadas, percebemos que o humorista usa a mulher para chegar ao ápice do seu objetivo, que é fazer seus ouvintes rirem e gostarem do que está sendo falado. Percebemos que as piadas são como uma espécie de indicador de comportamentos sociais de grupos diversos, neste caso, o comportamento das mulheres com os seus esposos em situações cotidianas. O personagem Zé Lezin apresenta muitas piadas no âmbito que enfatizam a mulher como ambiciosa, como aquela que deseja os bens do marido, assim como também é interessante pensar como ele cria um lugar para a mulher nas piadas no espaço do casamento.

Zé Lezin, conta a piada em forma de um diálogo com o seu amigo, falando com sotaque matuto e informal, no cenário de um show feito com o palco montado e preparado para representar uma casa rústica, pobre, com uma mesa e um copo sobre ela e ao fundo um rádio antigo. Nesse tipo de apresentação, não é só a piada a protagonista. O cenário e a incorporação de uma identidade matuta e contribui para o tom cômico.

Minha mulher “mermo” ... Eu pedi a ela pra quando eu morrer pra ela me mandar cremar, manda tocar fogo em mim, me incinera e as cinzas joga dentro do shopping, no Recife

\_ Pra que isso?

\_ Só assim vou ter a certeza que ela vai me visitar pelo menos uma vez por semana. Por que se for no cemitério ela só vai um dia, no outro já não vai mais.

Como ressaltado no capítulo 1, o locutor da piada é isento de responsabilidades próprias, isso por não ser necessário o locutor assumir o que ele diz, sendo descompromissado das piadas, configurando no objeto de anonimato de sua ferramenta de trabalho, a piada, que facilmente é bem aceita, e não oficialmente posta como opinião própria deste humorista. Nesta piada, ele fala da mulher que não vai visitar o marido no cemitério após sua morte, o ápice do riso seria a solução encontrada pelo esposo, que para isso seria jogar as suas cinzas

dentro de um shopping, afinal é onde elas realmente gostam de ir, assim insinuando que a esposa prefere o shopping do que a lembrança de um marido morto.

Na piada identificamos que as mudanças estão apresentadas de forma a estreitar o valor da mulher perante o consumismo, a ponto de colocá-la a gostar de comprar e gastar no shopping mais do que seu casamento ou do seu amor pelo marido. Percebemos que a piada também funciona como uma crítica aos valores atuais. Valorizam algumas situações para enfatizar as mudanças negativas na sociedade. E por ser contada por um personagem tipicamente matuto essas mudanças ficam ainda mais acentuadas.

Na continuação de uma das etapas do show feito por Nairon Oseas, que é dividido por temas, como política, viciados em internet, futebol, pobre e o rico entre outros as piadas sobre as mulheres, em sua maioria, é enfatizada a vivência no casamento com o seu esposo.

O homem se aposenta:

O homem já deu a saúde, o dinheiro, os cabelos, a tesão e ela ainda achando pouco querendo matar ele. Ele compra uma fazendinha com 10 hectares, tá sentado lá no canto, o “pobizinho”, velhinho, no banco, lendo jornal, quando a mulher vê que ele está em paz sai com a vassoura, vai bater no pé da cadeira lá no canto, só pra tirar ele do sério e ainda bota apelido americano no “pobi” do aposentado. Bota o apelido dele de “Jaqui” ...

\_ “Jaqui” tu não faz nada, vai dar um banho no cachorro...

\_ “Jaqui” tu não faz nada, vai levar o tambor de lixo lá fora...

Nesta piada ele começa falando um trecho que chama atenção: “O homem já deu a saúde, o dinheiro, os cabelos, a tesão e ela ainda achando pouco querendo matar ele”. No início da piada já temos o humor quando ele se refere a mulher como uma dependente do marido para seu sustento financeiro e sentimental e o ápice do riso é quando ele investe e defende o homem como coitado. Que deve descansar e ficar livre do mando da mulher, afinal ele é homem, e leva para esse lado humorístico o que podemos salientar que seja algo do seu querer.

Segundo Vale, “o tema definido é a construção da identidade do sujeito mulher no discurso humorístico das piadas (o suporte empírico), as quais, no início do Século XXI, continuam a estigmatizá-la como ‘objeto de cama e mesa’, reproduzindo, ainda que de forma caricatural, situações reais do cotidiano”. Percebemos visivelmente nesta piada que a mulher é

caracterizada como interesseira, ele enfatiza a mulher que é subordinada ao esposo, de forma que ela depende do dinheiro ou das condições financeiras do homem para viver, assim como também um suporte para saciar os desejos e sentimentos dela.

Verificamos que uma das características principais das piadas é que elas legitimam papéis, valores e ideologias, tais como: feminismo e machismo, fidelidade e infidelidade, razão e emoção, espaço público e espaço privado, atividade e passividade, inteligência e ignorância etc. Conceitos estes que não só sustentam, como perpetuam a desigualdade de gênero, e ainda, justificam o tratamento diferenciado que a sociedade em geral oferece à mulher em relação ao homem, isto é, favorecendo um, o homem, em detrimento do outro, a mulher (VALE, 2010, p.30).

Vemos que ele caracteriza a mulher como aquela que só sabe perturbar, falar muito, é supérflua e que enxerga o homem como seu “sustento financeiro”. Além disso, percebemos na piada uma espécie de justificativa para o homem não ajudar nas atribuições domésticas, pois a sua função seria a do provedor. Andrea Cristina Marques em sua pesquisa “A produtividade discursiva sobre as mulheres nos artefatos culturais: a prescrição de uma normatividade social (1950-1970)”, aponta, utilizando a pesquisa de Rodhen (2001, p.14), que a industrialização e a urbanização bem como os avanços tecnológicos e científicos, “a entrada mais efetiva da mulher no mercado de trabalho, o surgimento de movimentos de reivindicação de direitos calcados nos ideais de igualdade e liberdade (herdados da Revolução Francesa), que singularizaram a época” possibilitaram novas maneiras de relacionamento entre homens e mulheres, como também “a propagação de um ideário feminista, baseado no direito à educação e ao trabalho, requeria mudanças nas concepções a respeito das relações de gêneros vigentes”.

A autora complementa esse discurso com as palavras do trabalho de Margareth Rago (1985), “criticando também a noção de maternidade construída dos fins do século XIX e início do século XX, que disciplinando as pessoas, construiu a nova família. Nesse sentido, construiu-se um modelo de mulher voltada para o lar, dando uma maior atenção aos seus filhos e marido, persuadindo-a a crença no amor materno, com sentimento puro, sagrado, inato à mulher. Sendo mãe, a mulher realizaria sua “vocação natural” (MARQUES, p.18). No entanto, nas décadas de 1960 e início dos anos 1970 uma série de mudanças econômicas, políticas, nos códigos de comportamentos, como aponta Marques (2014) possibilitaram “novos espaços que foram apropriados pelas mulheres, contribuindo para um cenário de

conflitos e discussões, principalmente porque uma grande parcela da sociedade defendia valores mais conservadores” (MARQUES, 2014, p. 13).

Esse cenário de conflitos e discussões pode ser visto nas piadas que insistem em ressaltar e enunciar um discurso sexista (homem vs. mulher):

Mulher, é tão esquisito:

Mulher faz a pergunta, ela mesmo responde e ainda fica com raiva.

O pobre do marido chega em casa, ela está balançando a perna e diz:

\_ Estava onde? Já sei! Com as raparigas. E sai...

O cara não falou nada. Essa mulher está ficando doida.

Passando o discurso humorístico que pode dizer muito mais do que se consegue perceber em um primeiro momento, percebemos que nesta piada a mulher é tida como aquela que fala muito, pensa pouco e que se deixa ser conduzida pelos sentimentos.

Segundo Perrottao analisar o silêncio como característica desejável nas mulheres: “Ele convém à sua posição secundária e subordinada. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril” (2005, p. 09). É forma de submissão o silêncio da mulher para com o homem, logo as piadas que ressaltam o fato da mulher falar “demais” ou de pensar coisas onde não existe seriam frutos de sua personalidade sentimental e infantil, bem como, insegura e frágil.

Investindo na mesma lógica que a mulher fala muito a próxima piada contada no mesmo show enfatiza como as mulheres conseguem o que querem ao infernizar seus maridos.

Quando uma mulher pedir uma coisa dê logo.

Elas vão conseguir do mesmo jeito. Por que as mulheres já vem com um chip que elas conseguem tudo que elas querem.

\_ Como é o nome desse chip?

\_ Muido. Por que tem quem aguente muido de mulher?

Você chega em casa cansado, “morto”, ai ela diz:

\_ Amor, me dê um dinheiro para “isso...isso...assim....?”

Você diz:

\_ Eu vou tomar um banho, depois a gente conversa.

Ela diz:

\_ É isso mesmo, se fosse para as raparigas você dava, mas como é para mim você não dá.

Você entra no banheiro, fecha a porta, ela vai para a janela e diz:

\_ Vou dizer aos meninos que você está tirando as coisas de casa para dá as raparigas.

Eu digo logo:

\_ Tá bom! Tá bom! Eu dou.

Então é melhor da logo Zé.

Nela o humorista recorre a um discurso ainda pautado na ideia de que a mulher fala muito e por isso irrita os homens, e mais uma vez ressalta a questão de dependência financeira. O desejo de silenciar as mulheres, segundo Perrot (2007. P. 17) busca justificativa na própria Bíblia (1981, p. 1296): “Mulher aprenda, mas que esteja em silêncio, porque Adão foi formado primeiro, e depois, Eva. Adão não foi seduzido, mas a mulher (é que sendo) seduzida, prevaricou. Contudo, salvar-se-á pela educação dos filhos, se permanecer na fé, na caridade e na santidade, unidas à modéstia. Este ‘silêncio consubstancial à noção de honra’” (PERROT, 2007, p. 17). Temos aqui que a mulher é posta como prisioneira de um silêncio, justificado pelo apóstolo Paulo na Primeira Epístola a Timóteo. A partir do momento que a mulher não prende-se mais a este discurso religioso ela passa a ser temida de certo modo pelo homem.

Seu sexo assemelhava-se a uma voragem, um rodaminho a sugar desejos e fraquezas masculinos. Unindo, portanto, o horrendo e o fascinante, a atitude ameaçadora da mulher obrigava o homem a adestrá-la. Seria impossível conviver impunemente com tanto perigo, com tal demônio em forma de gente (FRANCHI *apud* PRIORI, 1993:35).

Franchi (2008), manifesta-se com relação a esta questão, para ela “uma vez que o homem perde seu poder sobre a mulher, esta passaria a agir de forma completamente descontrolada (como “um rodaminho a sugar desejos e fraquezas masculinos”...), principalmente no que se refere ao campo sexual.” Logo na piada analisada a mulher utiliza justamente do que foi por muito tempo temido pelo homem, seu poder de sedução, assim



como fez Eva para convencer Adão. No entanto, o humorista coloca isso como sendo negativo, já que a denomina de “máquina de moído”.

### 3.3 – MULHERES PERTURBADORAS DA HARMONIA DO CASAMENTO

É comum também analisar nas piadas contadas por Zé Lezin, a mulher como aquela causadora da desarmonia conjugal. Seria ela a responsável pelo fracasso nos casamentos. A próxima piada embora, não enfatize esse sentimento coloca como sentimento do homem o arrependimento por ter se casado.

Zé me perguntou:

\_ Você é casado?

Eu disse:

\_ Ha 20 anos

Ele disse:

\_ Eu prefiro 21 de cadeia.

Eu perguntei o porquê?

Ele disse:

\_ Para o ano estava solto.

Nesta piada, o homem se diz arrependido por não ter aceito ficar preso por 20 anos, pois se ele estivesse preso, hoje estaria em liberdade, sem a sua esposa de lado para lhe perturbar. Em forma de humor, o personagem exprime o que para ele é o casamento, não ter liberdade e morrer preso a alguém (no caso, a sua esposa).

Segundo Pinky, em uma sua obra “Mulheres dos Anos Dourados”, anos 50, a mulher era acometida a entregar-se por inteiro ao marido e ainda coloca-los em primeiro lugar para que assim houvesse a paz em seu lar e em casamento:

A mulher casada deveria ter o marido e os filhos como centro de suas preocupações. De maneira não muito explícita, mas contundente, o bem estar do marido era tomado como ponto de referência para a medida da felicidade conjugal, a felicidade da esposa viria como consequência de um marido satisfeito (PINKY, 2006, p. 627).

Consequentemente afirma que:

À mulher exigente e dominadora, o oposto da boa esposa, eram atribuídos os maiores obstáculos à felicidade conjugal prometida apenas às mulheres essencialmente femininas que soubessem colocar o marido em primeiro lugar. Pelo menos nas aparências, o “poder” em um casamento deveria estar em mãos masculinas (PINKY, 2006, p. 631).

A esposa que não se submetia ao marido estaria sendo o pivô para a infelicidade do casal, somente dela seria a culpa pelo o que acontecesse de ruim no matrimônio e na família, aquela que de alguma maneira se contradita ou mostrasse sinais de indisposição para continuar a aceitar tudo que era lhe ofertado, seria posta pela sociedade como o oposto de boa esposa. Na próxima piada mais uma vez é enfatizado o humor e as fantasias femininas que prejudicam o casamento.

A mulher nunca está satisfeita:

O homem chega cedo em casa, ela olha para o marido e diz:

\_ Tá doente é?

Você vai e chega tarde. Ela:

\_ vai morar na rua?

Você chega calado. Ela:

\_ o que tu tem? Tu não é assim.

Você chega brincando, alegre. Hurru!

\_ já sei, aprendeu com as raparigas.

Então, nem cedo, nem tarde nem triste e nem alegre.

“A mulher nunca está satisfeita”, é o título da piada acima, identificamos nesta que a plenitude do fazer rir começa desde o título. O humorista referência a questão da mulher sempre à procura de algo, algum problema, mesmo que sendo criado por ela mesma. Assim, o silêncio da mulher é para o homem uma forma de manter tudo em ordem, no relato machista, está tudo certo quando a mulher é invisível e silenciosa perante a sociedade.

A mulher aprende desde de mais tenra idade que “o ideal de papel feminino requer, em algumas culturas, a qualidade de ser indireta, ardilosa e capaz de esconder as coisas. Aprendeu que é melhor dizer aos homens somente aquilo que querem ouvir” (VALE *apud* ZAMPIERE 2004, P. 170).

A partir do momento que a mulher tem voz ativa, ela passa a ser posta com “defeitos”, principalmente por discursos machistas. Quando ela fala o que ele não quer ouvir, ou mesmo quando ela faz coisas que somente eles eram capazes de fazer (como dirigir, trabalhar com tecnologias avançadas, trabalhos de mão de obra pesada, etc.) a situação muda, pois ao perder espaço para a mulher, aqueles que defendem as vozes machistas procuram de algum modo inferiorizá-las.

A “véia” resolveu limpar o único lugar da casa que as mulheres não limpam.

\_Qual é?

\_Em cima do guarda roupa. Pode passar a mão que é sujo na sua casa, na casa de todo mundo é assim

A “véia” foi limpar e seu Miro olhando ela passou a mão em cima e tinha 4 ovos de galinha e um pacote de dinheiro com 30 mil reais, ai a “véia” pergunta:

\_Miro, o que significa esses 4 ovos?

Ele disse:

\_” Véia”, esses ovos aí, quando eu casei com você toda vez que tu me fazia uma raiva eu botava um ovo em cima do guarda roupa.

A véia ficou feliz.

\_50 anos de casada so tem 4 ovos. E esse dinheiro?

Ele disse:

\_Quando completa uma dúzia de ovos eu vendo.

Percebemos assim, que a maioria das piadas utilizadas no show de Zé Lezin sobre casamento enfatizam o lugar ofendido e vitimado dos homens, ou seja, como as mulheres através do cotidiano do casamento conseguem desestabilizar a harmonia da união. A última piada a ser analisada reforça como um suposto novo comportamento feminino vem colocar em risco a centralidade da figura masculina no casamento:

Tu está por fora de mulher rapaz! Mulher se fazendo de santinha, vai na onda!

Compra uma casa, ou constrói uma casa grande, quando tu fizer a casa do cachorro que botar a porta, que faltar o ferrolho, deixa tua mulher comprar. Deixa!

Pra ela chegar no quintal na mesma hora com a voz alta para os vizinhos escutarem.

\_Quem construiu essa casa fui eu!

Ela deu o ferrolho, mas sabe o que os vizinhos vão dizer?

\_A “pobi” da mulher rapaz, construiu a casa e esse safado nada.

Nesta piada, ela aborda que a mulher quer assumir diversas conquistas masculinas, como ser responsável pela construção da casa. No entanto, a piada faz isso de forma pejorativa, pois o marido que teria trabalhado arduamente para a construção da casa e apenas no final, para tirar vantagem da situação a mulher faz crer que foi ela e não o homem que fez o trabalho. O direcionamento da piada enfatiza a não participação feminina na construção de bens duráveis, talvez porque nas entrelinhas da piada pudéssemos perceber que ela não seria capaz sem o homem. No entanto,

As mulheres do Século XIX, saíram do espaço privado e começaram a marcar presença no espaço público como trabalhadoras, sindicalistas, operárias etc. Organizaram-se em grupos comunitários, em pastorais, em movimentos de ocupação das terras, em grupos feministas e foram construindo não somente a sua própria história, como também a História do Brasil, entre derrotas e vitórias, individuais e coletivas (VALE, 2010, p 94).

Estas mulheres que buscaram pela mudança através de lutas representam a grande maioria das mulheres da atualidade que buscam uma identidade diferente da que o homem havia designado para ela antes desse tempo de luta. Uma grande parte dos homens estão aprendendo a conviver e aceitar o sucesso financeiro e profissional de suas esposas e de suas colegas de trabalho.

Se no passado as mulheres eram “imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (PERROT, 2007, p. 17), mudou a situação, pois a mulher começa a escrever a sua história, e passam a cultivar diferentes valores vistos de diferentes pontos de vistas, antes apenas desenvolvida à margem da história dos homens, agora escrevem e contam à margem da sua própria história. Na contemporaneidade temos a mulher que assume o

controle da própria vida, fala o que quer, faz o que quer, trabalha no que quer, esta mulher assume as próprias decisões, pois hoje ela é independente. Os homens estão aprendendo a conviver com o sucesso profissional e financeiro das mulheres, isso se dá graças a uma nova identidade que a mulher conquistou e está conquistando ainda com o passar dos tempos.

Assim, no gênero piada essas conquistas são irrelevantes. Quando acionam a imagem feminina nos novos tempos é apenas como consumidora que utiliza um dinheiro que não é seu. O casamento se torna o martírio para os homens, já que as mulheres só pensam em gastar ou duvidar do marido baseando-se em indícios lunáticos de possíveis traições. Assim, as mulheres que aparecem nessas piadas são fúteis, interesseiras, preocupadas apenas em criar casos, já que são inseguras e que falam demais. Nesse sentido, percebemos que o personagem Zé Lezin possa até não ser o autor de muitas das piadas contadas em seus shows, mas certamente ajuda a reproduzir um discurso que naturaliza as mulheres com essas características pejorativas, contribuindo assim, para uma rede discursiva machista e desigual diante dos gêneros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho teve como objetivo realizar um estudo inicial sobre piadas relacionadas a mulher retratada no humor, enfatizadas nas piadas do humorista paraibano Nairon Oseas Alves Barreto, mais conhecido popularmente por “Zé Lezin”. O primeiro passo do trabalho foi falar o que é a piada, qual seu principal objetivo e o motivo de serem estereotipadas de maneira machistas. Contextualizamos as discussões que versam sobre as piadas acerca da visão do humorista sobre a mulher, quais os objetivos que o humorista tem ao contar a sua piada e falamos da questão do proibido.

Selecionamos piadas e imagens de diferentes sites através da plataforma de pesquisa do Google imagens que de alguma maneira inferiorizavam as mulheres. Mesmo causando risos as piadas analisadas são indicadoras direta ou indiretamente de discursos machistas ou preconceituosos, transmitindo para os seus ouvintes noções pejorativas acerca da mulher loira, da sogra, entre outras características que são considerados os melhores alvos para a causa do riso popular.

Paralelamente pesquisamos entrevistas, encontradas na internet, que foram prestadas pelo humorista, fazendo uso também de fontes como áudio visuais como vídeos de seus

shows, gravados por seus telespectadores e fãs, no site Youtube e um CD que está disponível para acesso em download ou mesmo só para ouvi-lo no site “Sua Música”. Zé Lezin, é mais um personagem da sociedade que de modo ou outro representa a imagem da mulher através do humor, ou apresenta caricaturas distorcidas da imagem da mulher, aspectos que contribuem para o aumento do preconceito ainda existente contra elas.

Embora, inúmeras pesquisas apontem os avanços no campo profissional, econômico e científico envolvendo as mulheres, ainda vivenciamos em um contexto marcado pelo desejo de silenciamento das mesmas. Quando uma empresa se nega a pagar o mesmo valor que um homem ganharia na mesma função ou quando um representante da lei acredita ser normal o assédio de um homem dentro de um transporte público, infelizmente é o investimento no silêncio feminino. Por isso, em nossa pesquisa o desejo de falar das piadas, tão comuns que chegam até nós de forma tão engraçada e sem intenções, investem justamente no discurso contrário. Ajudam ainda mais na produção discursiva machista e desagregadora da igualdade de gênero.

O caminho que foi percorrido para a produção dessa pesquisa teve muitas dificuldades que, por fim, foram vencidas com muito trabalho e dedicação, percebemos que ainda há muito para se pesquisar acerca deste tema. Esse trabalho de conclusão não finaliza nossa caminhada, ele nos instiga o aprofundamento de espaços deixados e de novas questões que ainda poderão surgir como gama de possibilidades para outros estudos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.
- BILAC, Doriane Braga Nunes, **Transformação da intimidade: homens e mulheres na contemporaneidade na perspectiva da estruturação de Giddens**, Tocantins, Vol. 6. 15ª edição, 2012.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, p.15-60, 2003.
- CAMACHO, Samanta Ruiz da Silva. **A mulher e o casamento no Brasil: da submissão e humilhação do século XX a igualdade e respeito do século XX**, Florianópolis, p 49, 2009.
- COSTA, Suely Gomes. Gênero e História. In: ABREU, Martha; SOIHET, Raquel. (Org.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 187–208, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- COLLING, Ana. **O corpo que os gregos inventaram**. Artigo in: jui, 2002.
- FRANCHI, Gisele Maria, **Estereótipo feminino nas piadas de loiras**, São Paulo, Revista Anagrama, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 1997.
- MACHADO, Antônio Augusto Araújo. **Estudo das representações sociais do gênero feminino em piadas sobre a mulher**. Fortaleza: UFC/UFMA, 2009.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. **A mulher no discurso médico e intelectual brasileiro**. In: **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, pp. 217- 262, 2004.
- MARQUES, Andrea Cristina. **A produtividade discursiva sobre as mulheres nos artefatos culturais**: a prescrição de uma normatividade social (1950-1970) Campina Grande, 2014.
- NUNES, Silvia Alexim. **A medicina social e a questão feminina**. *PHYSIS*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.49-76.  
Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73311991000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311991000100003&lng=en&nrm=iso)> (Acessado em 26/08/ 2017).
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru (SP): Ed. USC, 2005. (Coleção História).
- PETTERSON, Rony. **Humor, semiolinguística e piadas**: uma proposta de análise. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres, prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª Ed. 1988.
- PINKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo. Ed. Contexto, 2014.
- PRIORI, Mary Del. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes *et al* (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise**. In: Educação e Realidade. Vol.16, n.2, Porto Alegre, p. 5-22,1990.
- SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil**. *Vitória da Conquista* v. 8 n. 1 p. 223-231, 2008.
- VALE, Alfrediana Rosa Oliveira do. **Na construção da identidade do sujeito mulher a piada é coisa séria**. Recife: UFPE, 2010.



VIEIRA, Josênia Antunes. **A identidade da mulher na modernidade**. DELTA, São Paulo, v. 21, p. 207-238, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-4502005000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4502005000300012&lng=en&nrm=iso)>(Acessado em 02/08/ 2017).

## SITES

Entrevista: Nairon Barreto Zé Lezin [http://www.paraiba.com.br/entrevista/entrevista\\_ze\\_lezin.shtml](http://www.paraiba.com.br/entrevista/entrevista_ze_lezin.shtml). (Acessado 26/11/2015).

<http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/dados-e-pesquisas-violencia/dados-e-fatos-sobre-violencia-contra-as-mulheres/> (Acessado em 30/05/2017).

<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/?tipos%5B%5D=fontes&tipos%5B%5D=pesquisas&tipos%5B%5D=violencias&s=violencia+sexual> (Acessado em 30/05/2017)

<http://www.assisramalho.com.br/2012/11/assis-ramalho-entrevista-o-humorista-ze.html>(Acessado em 03/09/2017).

<http://boaspiadas.blogspot.com.br/2008/05/homem-versus-mulher-anatomia-do-crebro.html> (Acessado em 14/03/2017).

<https://br.pinterest.com/lucimarastos/mulheres/> (Acessado em 14.03.2017).

<https://espacoacademico.wordpress.com/2013/06/12/o-riso-dos-outros-o-humor-tem-limites/> (Acessado em 09/02/2017).

<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/05/cada-11-minutos-uma-mulher-e-violentada-no-brasil-e-ainda-ha-quem-diga-que-culpa-e-da-vitima.html> (Acessado em 30/05/2017).

<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/mulheres-dirigem-melhor-do-que-os-homens-diz-estudo/> (Acessado em 02/04/2017).

<http://www.cearaagora.com.br/site/tres-decadas-de-humor-com-ze-lezin/> (Acessado em 03/09/2017).

<https://www.dicio.com.br/matuto/>(Acessado em 22/08/2017).

[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/10/23/internas\\_viver.671437/humorista-ze-lezin-e-internado-e-cancela-apresentacoes-com-cinderela.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/10/23/internas_viver.671437/humorista-ze-lezin-e-internado-e-cancela-apresentacoes-com-cinderela.shtml) (Acessado em 28/07/2017).

<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/33771-44077-1-PB.pdf> (Acessado em 04/09/2017).

<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao53/materia05/> (Acessado em 02/04/2017).

<http://www.minhavidacom.br/saude/temas/tpm> (Acessado em 02/04/2017).

<http://www.piadas.com.br/> (Acessado em 14/08/2017).

<https://www.piadascurtas.com.br/wp-content/uploads/piada-marido-e-mulher.jpg> (Acessado em 14/03/2017).

<http://www.porquinhodoido.com.br/2012/05/do-que-as-mulheres-gostam-pocodos.html>(Acessado em 14/03/2017).

<http://www.portaisimobiliarios.com.br/blog/mulheres-compram-cada-vez-mais-imoveis/> (Acessado em 30/05/2017).

<http://www.proverbioefrase.com/search?updated-max=2015-04-17t10:27:00-07:00&max-results=5> (Acessado em 02/04/2017).

<https://www.suamusica.com.br/vandeilsoncd/ze-lezin-piadas-novas-novo-cd-2017> (Acessado 03/07/2017).

<http://www.valor.com.br/brasil/4315176/ibgepnad-mulheres-recebem-745-do-que-ganham-os-homens> (Acessado em 13/02/2017).

<https://vianablog.files.wordpress.com/2011/01/oracaodasmulheres.jpg> (Acessado em 14/03/2017).

<https://vianablog.wordpress.com/2011/01/18/piada-do-dia-mulheres/> (Acessado em 14.03.2107). <https://www.youtube.com/watch?v=gsmotp6DdHk> (Acessado em 18/07/2017).

<https://www.youtube.com/watch?v=f5nL4-YMwDE> (Acessado em 18/07/2017).

<https://www.youtube.com/watch?v=RcFNGwqpqe> (Acessado em 21/07/2017).

<https://www.youtube.com/watch?v=RcFNGwqpqeY> (Acessado em 21/07/2017).

<https://www.youtube.com/watch?v=IOO08EHKJKo> (Acessado em 21/07/2017).

<https://www.youtube.com/watch?v=SbcUOWUBFFo> (Acessado em 23/07/2017).

<https://www.youtube.com/watch?v=id8OfEcqDzw>(Acessado em 28/07/2017). <https://www.youtube.com/watch?v=SbcUOWUBFFo> > (Acessado em 26/11/2015).

[https://www.youtube.com/watch?v=6siX3P\\_6iNI](https://www.youtube.com/watch?v=6siX3P_6iNI) >(Acessado em 26/11/ 2015).

<https://www.youtube.com/watch?v=8vm862DMy4M>> (Acessado em 26/08/ 2015).